



Henri Matisse

Por Valmir Perez


O princípio da harmonia universal

NINGUÉM PODE NEGAR QUE VIAJAR, CONHECER OUTRAS paragens é um remédio maravilhoso para o espírito. Mas, para mim, não é qualquer tipo de viagem que traz aquela sensação gostosa que me faz sentir fazer parte dos lugares onde passo. Não estou falando simplesmente da experiência de conhecer pessoas, monumentos históricos, culturas etc. Não é isso! Mas, daquela sensação que nos acomete mesmo quando estamos numa autoestrada, dirigindo um automóvel ou dentro de um ônibus, e ficamos embriagados com a paisagem que

nos rodeia, até nos fundirmos com o que está a nossa volta. Prefiro viajar de motocicleta. Além da sensação de liberdade, de estarmos a um passo daquilo que vemos, exatamente por não estarmos encarcerados dentro de uma caixa, somos levados a participar melhor desse mundo que passa: do calor, do frio, do vento, enfim, das influências dessa "atmosfera" em nosso entorno. Prefiro também as viagens sem compromissos com horários de chegada e de retorno. Aquelas em que a gente pode

parar na beira da estrada e apreciar de verdade as curvas das montanhas, um belo pôr-do-sol, ou, ao contrário, um belo amanhecer; ver a vegetação, os rios e lagos; assistir, sem pressa, as nuvens se formando no horizonte e ficar tentando adivinhar em que altura a chuva se precipitará sobre o asfalto quente. Em algumas dessas ocasiões, costumo reparar em meus próprios sentidos e intuições. De que maneira o que se apresenta diante dos meus olhos me faz enxergar "beleza"?

De que maneira, como ou por que aquilo que se apresenta diante de meu espírito é de alguma forma visto como "bello"? Passam-se os anos e ainda não tive uma resposta para isso, mas sei que, de alguma forma, essas paisagens excitam algo dentro de mim e me conduzem para mais próximo de alguma coisa maior, mais real, cuja energia me permite encontrar paz, alegria e gratidão pela vida que me foi dada. Naturalmente, mesmo sem poder racionalizar por completo todos esses sentimentos que me chegam durante essas



experiências, percebo claramente que algo mais do que a simples montanha, o céu maleado de nuvens brancas, o rio caudaloso que desce desenfreado para encontrar o mar ou o verde caprichoso da vegetação que passa correndo ao meu lado, por si só, não pode completar a cadeia de eventos que me provoca os sentidos e me prende aos êxtases que, pouco a pouco, se sucedem e tiram os meus pés do chão.

Uma montanha é apenas um monte de pedra e terra coberta de vegetação, colocada ali sabe-se quando. As nuvens são apenas vapor d'água em suspensão que, como atores e atrizes de um grande espetáculo de formas, teimam em trocar seus personagens nos entreatos. O rio é apenas água correndo em caminhos que escolheu por preguiça. E a vegetação um exército de seres verdes ou multicores, vivendo a vida em silêncio e vagar. Nada é mais real e explicável do que isso, no entanto, eu vejo beleza!

De onde vem o encantamento

Longe de mim vir aqui e tentar explicar os insondáveis mistérios da percepção e sentimentos humanos, mas há algo que intuo que pode ser um caminho para melhor compreender por que, desde tempos imemoriais, a raça humana é atraída por essa natureza pródiga e por suas maravilhas, pelas suas obras: a isso eu chamaria de “experiência do todo”. Uma montanha sozinha, sem as planícies à sua volta, será apenas forma, algo jogado no meio do nada, assim como as nuvens não seriam elas mesmas sem um céu profundo ou os rios sem os verdes ou terras que os comprimem.

Assim também seria a vida monótona de um único homem solitário, sem compreensão, sem compaixão, sem outros que lhe espelhassem seus erros e acertos. Essa experiência de apreensão do conjunto, da vida da inter-relação da natureza viva que pulsa em nosso planeta é mais do que um simples observar. É, para mim, um compactuar com algo que vive e pulsa.

Essa vida que pulsa e se inter-relaciona, que se submete às leis da existência e nos fala que nada vive sem que haja algo que lhe faça viver e lhe suporte, é sentida por nós ao apreciarmos o todo e não apenas as suas partes. Talvez seja a isso que chamamos “beleza” na natureza e nas obras de arte. Talvez a beleza tão cantada seja o reconhecimento

dessa vida interior e pulsante que faz funcionar aquilo que observamos e sentimos.

A morada da beleza


A palavra estética, cuja origem é a palavra grega “aisthesis” e cujo também um dos significados pode ser faculdade de sentir, propõe-nos questionar se o que pode ser “sentido” pode ser algo que contenha algum movimento, alguma vida. Essa é a busca dos artistas desde o princípio, ou seja, fazer-nos sentir algo que está vivo e que nos pertence enquanto seres viventes.

Assim como nada pode ser sentido por alguém ou algo que esteja morto, os sentimentos são pulsações vivas, dos que estão vivos. São os movimentos interiores da vida se autorrelacionando. Por que dizemos que tal obra vive, tem vida? Será porque ela vive ou nos força a viver mais intensamente através de sua existência?

Se pensarmos numa obra qualquer, humana ou não, como algo que vive, talvez não estejamos tão longe de alcançar uma compreensão do processo. Uma boa maneira de pensar sobre isso seria tratar de imaginarmos que uma pintura, uma música ou um romance, antes mesmo de serem realizados, viviam latentes no espírito do artista e que, quando se realizaram materialmente, apenas se sujeitaram às leis físicas.

A existência da obra, então, se deu antes de sua materialização e dessa forma pôde ser sentida, através de seu aspecto físico, por nossos canais sensíveis. Ou seja, o movimento e a vida consciente que a criaram se lhe impregnaram e puderam ser sentidos através da sua materialização. Muita filosofia? Pode ser, mas a isso, à materialização de uma obra, chamamos forma, e à sua vida interior chamamos conteúdo, que é o espírito dessa obra. Para que alguém possa reconhecer esse conteúdo deve estar vivo. Mas para que esse conteúdo seja reconhecido também não deverá emanar e irradiar vida?

A natureza, essa grande obra que abarca o cosmos conhecido e o desconhecido é e sempre será algo que exala vida, pela simples razão de que, de alguma forma, algo se movimentou em seu estado anterior. Sua existência se deu anteriormente à sua manifestação física. As religiões chamam isso de Deus, a mecânica quântica de singularidade, evento primordial do universo das possibilidades.



De qualquer maneira, e sem querer entrar mais e mais nesse conflito de “interesses”, pode-se afirmar apenas que ao apreciarmos o conjunto cósmico podemos sentir sua “beleza”, sua vida interior, graças à sua materialização – mas a sua vida interior é anterior à sua materialização. Essa é a minha tese.

O legado dos artistas

O cosmos é mais do que a soma de suas galáxias e conglomerados, assim como a natureza de nosso planeta é mais do que seus mares, suas montanhas, lagos, rios e de seus seres observados e sentidos separadamente. Essa é a busca do belo para alguns artistas que nos legaram a capacidade de observar o mundo e vida com outros olhos, e mais profundamente nos acercarmos dos mistérios anteriores ao que está pronto e acabado perante nós. Buscaram também encontrar, através das formas plásticas, os caminhos para transcendermos as nossas transações cotidianas, à nossa mesquinhez diária, à decadência de nossa história. Estavam dispostos a nos transportar para esse “outro” estado anterior das coisas.

Henri Matisse foi um desses raros seres, que, buscando também acumular através de sua arte, valores que serviriam para a recuperação dos absurdos das épocas decadentes, contribuiu para trazer de volta aos palcos do mundo, novos ares, nova beleza e vida à civilização. De uma civilização de duas grandes terríveis guerras. Matisse ainda nos propõe: “Não seria melhor deixar espaço para o mistério?”⁽¹⁾ Não será o mistério da descoberta da beleza mítica, esse que podemos encontrar através da apreciação do todo? Daquilo que é anterior e está acima da soma de suas partes? Talvez...

A infância de Matisse

Henri-Émile-Benoît Matisse nasceu em 31 de dezembro de 1869, numa casa humilde na Rue du Chêne Arnaud, em Le Cateau-Cambrésis, no norte da França, divisa com a Bélgica. Os antepassados de Matisse viveram nessa região por séculos; um mundo inalterado desde os tempos do Império Romano, apesar das revoluções social e industrial do século XIX.

Filho de Émile Hippolyte Matisse, um pequeno comerciante de grãos e sementes, e de Anna Heloísa

Gerard, descendente de uma família de curtidores de couro, o artista e seus irmãos cresceram em Bohain-en-Vermandois, Picardie, na França. Dez anos após seu nascimento, a família mudou-se para Saint Quentin. Matisse diria mais tarde que deve à sua mãe a facilidade para o trabalho com as cores, pois Anna Heloísa era pintora de porcelanas.

A grande descoberta

Em 1887, aos 17 anos, foi para Paris estudar Direito. Depois de se formar, foi trabalhar como escriturário do tribunal Cateau-Cabrési, em 1889. Nessa época, ao se recuperar de uma crise de apendicite que lhe forçou uma convalescência, ganhou de sua mãe alguns materiais de pintura. Mais tarde diria: “foi então que descobri uma espécie de paraíso”.

A partir desse momento, para a completa decepção de seu pai, abandonou seu trabalho e se dedicou somente à pintura. Em 1891, decidiu ir para Paris estudar na Académie Julian com os pintores William-Adolphe Bouguereau e Gustave Moreau. Em 1896, vendeu ao estado duas de suas obras expostas no salão da Société Nationale des Beaux-Arts.

Em 1894 teve uma filha com a modelo e amante Caroline Joblau e, em janeiro de 1898, casou-se com Amélie Noellie Parayre, que lhe deu dois filhos, Jean e Pierre. De 1897 a 1898, entrou em contato com a pintura de Vincent Van Gogh através do pintor australiano John Jeter Russel, que também guiou seus primeiros passos na teoria das cores.

Matisse também recebeu influência de pintores, como Nicolas Poussin, Antoine Watteau, Jean-Baptiste-Siméon Chardin, Edouard Manet, Cézanne, Gauguin, Paul Signac, Auguste Rodin e ainda da arte japonesa. Além da pintura, o artista se dedicou, ainda, à escultura, decoração e gravação. Testou e experimentou de tudo um pouco, das técnicas de Cézanne ao pontilhismo de Signac. Ainda em 1898 foi para Londres estudar com o pintor William Turner.

A busca pelo equilíbrio, pureza e serenidade

Em 1905, Matisse já era considerado o líder do Fauvismo⁽²⁾ na França. Isso se devia, principalmente, ao estilo áspero de sua composição, à sua espontaneidade e às cores cruas e vivas de sua paleta. Primeiramente, as obras desse movimento foram

⁽¹⁾ <http://www.henri-matisse.net/quotes.html>. Tradução livre do autor, em 05/02/2010. ⁽²⁾ Fauvismo (do francês les fauves, ‘as feras’, como foram chamados os pintores não seguidores do cânone impressionista, vigente na época): corrente artística do início do século XX, que se desenvolveu sobretudo entre 1905 e 1907. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fauves>, em 05/02/2010.

expostas no Salon D'Atomme, em Paris. O público recebeu as obras fauvistas com bastante escárnio e alguns apreciadores chegavam até a arranhar as telas.

O movimento começou seu declínio já pelo ano de 1906. A partir desse ano, Matisse manteve seu estúdio e escola no Hôtel Biron, onde, depois de frequentes viagens de pesquisa e dos estudos, demonstrou amadurecimento de ideias. Procurou descobrir a “essência” das coisas e buscou uma arte de “equilíbrio, pureza e serenidade” dentro de um mundo desestruturado, frenético e louco que se preparava para sua primeira grande guerra.

A consagração do artista

Matisse não foi revolucionário político, como muitos outros artistas de seu tempo, mas, “apolítico”. Buscou caminhos mais transcendentais e subjetivos para cumprir o seu ideal de amor à humanidade. Em “Notas de um Pintor”, declaração elaborada por Matisse, em 1908, ele explicita o ideal de sua arte:

“O que sonho é uma arte do equilíbrio, de pureza e serenidade, sem incomodar com assuntos deprimentes, uma arte para todos os trabalhadores, para o empresário, assim como para o homem de letras, por exemplo, um calmante sobre a mente, algo como uma boa poltrona que proporciona relaxamento do cansaço físico.”⁽³⁾

Em 1906, conhece Pablo Picasso, cuja obra, fruto do trabalho da imaginação, evidencia uma estética sempre num ângulo oposto à de Matisse, que tem seus desenhos e pinturas inspirados pela natureza. Em 1907, viaja com a mulher para a Itália, a fim conhecer as obras dos mestres daquela tradição. Em 1908, Alfred Stieglitz organiza uma exposição dos quadros de Matisse em Nova York, introduzindo as obras do artista no poderoso mercado de arte norte-americano.

No ano de 1909, já com sua fama consolidada, funda a Matisse Académie de Paris, que funcionará até 1917. É também por volta desse mesmo ano que viaja para Marrocos e se associa ao colecionador russo Sergei Shchukin, magnata da indústria têxtil.

Em 1930, segue para os Estados Unidos para melhor conhecer e entender a cultura do país que acolheu tão calorosamente suas obras e onde se encontrava grande parte dos seus maiores colecionadores. Nessa ocasião, também conhece o Haiti.


No ano seguinte, também nos Estados Unidos, seu filho Pierre funda a galeria Manhattan, tornando-se, a partir desse momento, uma figura proeminente no mundo das artes e durante as seis próximas décadas.

Durante toda a sua carreira, além da pintura, Matisse também produziu 12 livros ilustrados, chamados “livre d'artiste”. Livros caros, lançados em edições limitadas, finamente diagramados, vendidos como obras de arte. Era também um fanático colecionador de tecidos, além de também tocar violino.

O divórcio e a cadeira de rodas

Em 1939, Matisse se divorciou da esposa e, em 1941, após uma cirurgia, viu-se preso a uma cadeira de rodas. A partir daí, passou a ser cuidado pela russa Lydia Delectorskaya, uma de suas antigas modelos. Desde então, com a ajuda de uma pequena equipe, desenvolveu suas obras a partir de colagens de papel, denominadas por ele mesmo de “découpés guaches”.

© <http://www.henri-matisse.net/quotes.html>. Tradução livre do autor, em 05/02/2010.



Em 1947, publicou o livro “Jazz”, contendo cópias de algumas das suas mais importantes colagens, e, em 1951, completou o fabuloso projeto de decoração da Chapelle du Rosaire, em Vence, na França. Morreu de ataque cardíaco, em 1954. Seu corpo foi sepultado no cemitério do monastério de Notre Dame, próximo à cidade de Nice, na França.

O equilíbrio entre o todo e as partes

O que é harmonia senão o equilíbrio do todo com as partes entre si? Nas palavras de Argan, ao analisar o mais famoso quadro do artista, “A dança”, completa:

“Essa grande composição, uma das maiores obras de nosso século, é uma resposta serena, mas decididamente negativa de Matisse, ao Cubismo triunfante. A arte (parece ele dizer) ainda pode penetrar as verdades supremas do ser, as infinitas harmonias do universo – é talvez a única atividade humana que ainda pode fazê-lo, e as perspectivas positivas práticas da sociedade contemporânea não podem impedi-lo. O quadro tem um significado mítico-cósmico: o solo é o horizonte terrestre, a curva do mundo; o céu tem a profundidade azul-turquesa dos espaços interestelares; as figuras dançam como gigantes entre a terra e o firmamento. Ao Cubismo que analisa racionalmente o objeto, Matisse contrapõe a intuição sintética do todo. É este precisamente o quadro da síntese, da máxima complexidade expressa com a máxima simplicidade. É a síntese das artes. A música e a poesia confluem na pintura e a pintura é concebida como uma arquitetura de elementos com tensão no espaço aberto; é síntese entre a representação e a decoração, o símbolo e a realidade corpórea, entre o volume, a linha e a cor”.⁽⁴⁾

A arte e o mundo, segundo Matisse

A opção apolítica de Matisse, como alguns podem pensar, não se deve ao fato do artista ter sido mais um alienado das coisas do mundo, mas, pelo contrário, decididamente, devido sim à sua forma de encarar a luta contra os absurdos. Para ele, a arte tem seu ponto central fora e acima da história, da reserva da imaginação, acima também dos assuntos mesquinhos do cotidiano.

A arte não é uma fuga, mas a reserva humana

dos elementos mais puros e que não podem ser tratados como tratamos as mercadorias no dia-a-dia. Dessa maneira, essa reserva, esse conjunto áureo de vida interior se torna imune aos decadentes movimentos da raça humana. Ainda nas palavras de Argan,

“Como todos, Matisse viveu duas guerras; como todos, com elas sofreu; mas não permitiu que se revelasse na pintura uma ponta sequer da dor do mundo. Se o mundo, em suas crises de loucura, destrói os valores da civilização, o sábio deve criar e acumular outros valores: a humanidade irá utilizá-los para se recuperar dos golpes da história. A arte conserva ou restabelece nos homens a alegria de viver, destruída pela tragédia da história. Assim também para Matisse, os acontecimentos mudam, mas as grandes estruturas do sistema não podem se transformar, e a arte é um dos componentes do sistema, o mais estável entre eles. Por ser um dos valores supremos da humanidade, não pode se misturar à história das nações, sendo supranacional.”⁽⁵⁾

A luz e a cor na obra do mestre

Os quadros de Matisse apresentam um *continuum* de cor e luz. Sua pintura é concebida como arquitetura dos elementos em equilíbrio no interior da tensão dos espaços. E não é este um dos maiores problemas enfrentados pelos projetistas de iluminação? Não buscamos a síntese entre o espaço, as cores, seus objetos e formas através dos perfeitos jogos de luz?

A decoração dos ambientes se baseia fortemente no equilíbrio de todos os seus elementos constituintes. Desejamos, na maioria das vezes, através da iluminação, que é componente primordial dos espaços, criar ambientes confortáveis, equilibrados e belos. E a obra de Matisse nos inspira a buscar, nas relações entre as cores e composições, os estados míticos dessa beleza universal, que paira acima de todos os modismos de época, das metodologias e métodos rígidos de concepção e busca de integração.

Assim como Matisse concebe suas obras, projetar a luz dos ambientes também pode ser a jornada, a busca da melhor forma, da harmonia encontrada no sensível, que traz à tona atmosferas de força vital para as consciências que ali habitam. Ninguém em sã consciência e saúde preferiria levar sua existência em cidades e ambientes desequilibrados e extenuantes.

⁽⁴⁾ ARGAN, G. Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 259. ⁽⁵⁾ ARGAN, G. Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. op. Cit.

Quais devem ser as bases de um projeto

Cores, luzes e formas são valores que, aplicados cuidadosamente nos projetos de iluminação, através de estudos e pesquisas, devem se pautar não somente sobre as questões técnicas, mas, acima de tudo, sobre as questões estéticas em mais alto grau, ou seja, a das relações universais de harmonia, que acabarão por impregnar esses espaços com energias salubres e reconfortantes.

Na busca dessa harmonia, não devemos descartar em nenhum momento os conhecimentos da psicobiofísica⁽⁶⁾, mas podemos transcendê-la, extravasando em nós, artistas da luz, os caminhos da compreensão estética. Para Matisse, esse princípio estético pode ser encontrado no princípio da harmonia universal que, por sua vez, pode ser resgatado quando nos deixamos levar pela “experiência do todo”, que é a experiência da abertura de nosso espírito frente ao conjunto das relações que encontramos na natureza que está a nossa volta.

O *continuun* de cores e luzes de Matisse que emerge nas suas obras, foi a forma por ele encontrada para

expressar materialmente o *continuun* das relações de cumplicidade invisível que elas contêm. Numa outra de suas famosas frases, o mestre afirma que: “A função do artista não é a de traduzir uma observação, mas de expressar o choque do objeto em sua natureza, o choque com a reação inicial”.⁽⁷⁾

Seguir o seu exemplo é lutar por invadir esse espaço de relações e expressar o invisível dos jogos invisíveis. Quem sabe assim, também possamos, por nossa vez, transcender as loucuras de nosso tempo, deixando um legado de harmonia e beleza para as futuras gerações. ◀



Valmir Perez

é *lighting designer*, graduado em Artes e mestre em Mídias. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, captação de imagens e de softwares, além de ministrar cursos, workshops e palestras. Contato - valmirperez@gmail.com/www.iar.unicamp.br/lab/luz.

Bibliografia:

MATISSE, Henri; FOURCADE, Dominique (co-aut.). *Ecrits et propos sur l'art*. Nouv. ed. rev. et corr. Paris: Hermann, 1992, c1972. 365p., il. (Collection Savoir). ISBN 270565724X.
PALO, Maria Jose. *Arte da criação: dos manuscritos de Charles S. Pierce aos escritos de H. Matisse*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 1998. 230 p. ISBN 852830132X (broch.).
ARGAN, G. Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
BAZIN, Germain. *História da História da Arte*: Martins Fontes, 1989.

⁽⁶⁾ A palavra psicobiofísica é formada pelos radicais gregos “psyché” (mente, alma, espírito, ou seja: energia), “bios” (vida) e “psysiké” (no latim, “physica”, o estudo dos fenômenos passíveis de comprovação no campo da matéria e suas interações no Universo). Por Cristina Dias: <http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=05198>, em 05/02/2010. ⁽⁷⁾ <http://www.henri-matisse.net/quotes.html>. Tradução livre do autor, em 05/02/2010.